

Emmanuel Mirdad

O enigma de Mutujikaka

A jornada
para escrever
um romance

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

“oroboro baobá” é o meu 1º romance.
Invisto 1.914 horas em 500 dias para escrevê-lo.
Produzo 20 versões, entre esboço, conto, roteiro e romance.
Uma versão é finalista do Prêmio Sesc de Literatura 2017.
Outra, finalista do Prêmio Cepe Nacional de Literatura 2017.
Lanço de graça no meu *blog*, leitura e *download*, em 2020.
A editora Penalux publica o romance, também em 2020.
É finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2021.
Escrevê-lo é um laboratório, um curso, um aprendizado.
A seguir, a jornada de criação do “oroboro baobá”.
E o pós-jornada, também.

Romancêro

Eu amo crônicas. Sou leitor de poesia. Admiro um conto bem-feito. Romance? Pouco leio. De cabeça, agora, só lembro de “Mayombe”, do angolano Pepetela. Já os outros, me sobram referências: Clarice, Nelson, Ângela, Ruy, Orides, Tchekhov, Mayrant, Hélio, afff, quanto livro bom! Lá atrás, afirmo: “eu sou poeta”. Mais drama: “quando eu morrer, quero ‘poeta’ na lápide”. Escrevo um monte de versos, migro o excesso para as minhas composições. Edito e lanço “Nostalgia da lama”, em capa dura, o boçal — a editora capixaba me empresta a marca, e eu consigo camuflar a edição de autor. “Antes de ser brasileiro, eu sou nordestino”, assim começa o predileto. Por um tempo, tento seguir como poeta. Porém, na Bahia, tem mais poeta que habitante. E quando todo mundo é poeta, ninguém é poeta.

Eu gosto de contar histórias. Desde moleque, a ficcionar a nossa estranheza; tenho o dedo do “foda-se” torto e encalombado de tanto escrever. O que vejo, o que sonho, o que peneiro, tudo se torna narrativa, é preciso registrar a nossa breve passagem. Um jornaleco de bairro publica os meus primeiros contos. Tomo gosto, escrevo mais, e a pequena Via Litterarum, do incansável Agenor, lança três livros; depois, revejo e reescrevo tudo, boto de graça no mundo e sepulto o contista em “O limbo dos clichês imperdoáveis”. O título resume bem.

Ser coordenador da Flica me faz analisar o mercado. Penso: “ninguém tá escrevendo romance na Bahia, é um filão!”. Como um comerciante

que escolhe o ponto mais vantajoso para abrir uma farmácia, decido escrever um romance. Mais drama: que conquiste muitos leitores e comentários nas redes, ganhe prêmios e seja adaptado para as telas, e se torne uma referência na literatura contemporânea. O produtor assume o controle e impõe: eu preciso ser romancista. O cabra que só costuma ler conto, poesia e crônica.

Romancêro.



O que me cerca à ideia

Forjar um romancêro é movimento para depois dos fracassos nos poemas e contos, recurso para superar os mortais dezessete autógrafos em “Olhos abertos no escuro”, num verão da Bahia, que almoçam o meu orgulho. A jornada para escrever um romance brota bem antes, duma ideia sem dono, inspiração ou plágio, talvez garimpada do além, por falta de provas na matéria — donde veio esse troço? Pode ser que uma pessoa aponte a assinatura dessa criação, a bradar o roubo, pois há sempre alguém a se esforçar pelo conflito, mas já me declaro inocente em qualquer tribunal: não há autoria em ideias, somente em produtos. A imaginação é da humanidade, consciente e inconsciente coletivo, cooperação da espécie.

A sincronia começa a operar. O autoral dá as cartas, de novo. Monto uma banda literária com mais quatro comparsas, “Os Brás Cubazz”, para escrever a coletânea de contos “As soteropolitanas”, uma resposta mais escrota à recém-lançada “As baianas”, de Mayrant & cia. — a banda desafina e não publica; daí só me presta o conto “Assexuada”, um xodó meu que traz o dilema de Monique, a mulher que nunca goza e não se importa, mas quer vivenciar o amor; sem sexo, é possível? Joga no Google: leitura *free* no meu *blog*, livro “O limbo dos clichês imperdoáveis”. Sinto a criação a me exigir mais empenho.

Em paralelo, no trabalho que paga as contas, tô numa ebulição só: Marcus dá fim na nossa sociedade na Putzgrillo Cultura, vou precisar de outro sócio, abrir nova empresa, entro numa de buscar maluco para colar na corda. Quem quer investir tempo e dinheiro trabalhando com produção cultural? É muito risco! Empresário-artista, bem isso. Sorte que tô com a moral em alta, feliz & renovado pós-férias com a namorada Ana, atriz e cantora paulista, muita diversão e loucuras numa *love trip* por praias baianas com a amada Anagê. Dou uma engordada, volto para a musculação, numa academia em frente à Vila Militar do meu bairro, esquema raiz, com ventilador e mensalidade que não maltrata o bolso. É isto que me cerca à ideia: escritor na pauta, buscando sócio no trampo, coração cheio de lembranças na pele, puxando ferro como um adolescente.

Contexto.



Muralha, o goleiro que nunca tomou gol

A sincronia conduz ao pouso: a antena sintoniza o recado numa terça. É o momento de registrar a ideia, se assunto, rapá! À jornada, se aplique! Estou em 17 de julho, e Hollywood tenta vender o ano como o fim do mundo — *fake news* pra cima do calendário dos Maias, haja gastação, vem asteroide, que mico, ahhh, morte, esse tédio; quer algo mais óbvio?

17 de julho, que marca no mundo o nascimento do cartunista Quino, o mago argentino criador da Mafalda que, numa tirinha, empala a professora na sala de aula: “¿A dónde van nuestros silencios cuando dejamos de decir cómo nos sentimos?”. É um dia tristíssimo para o *jazz*: vão-se da matéria a diva Holiday e o supremo Coltrane. Lembro do Renato, que canta: “Fumar unzinho e ouvir Coltrane, não faço mais isso, mas entendo muito bem”. Décimo sétimo do sétimo mês, é bom lembrar também do eterno capitão dos capitães da seleção brasileira de

futebol, o elegante Torres, que nasceu canceriano como o 1º registro em papel dessa jornada que se inicia. Materializar a ideia: um goleiro que não toma gol. Pode?

Oxe! Não só pode, como deve. O professor Compagnon provoca: “La littérature, pour quoi faire?”. Praquê literatura, dizaê... No caso da ideia que me sacode, uma ideia de doido, literatura para fazer existir a impossibilidade de um fenômeno. Se a realidade supera a ficção nas mais bizarras maluquices e violências cotidianas, saravá o nosso Brasil surreal, muitas vezes ela não supre a necessidade do ir-além. Então, devo criar o goleiro que não toma gol. “Essa ideia é boa!”, me apego. Pois bem, dona literatorta, esse é o meu projeto, tome intento: há um goleiro negro que não toma gol nem no treino. #receba mundo!

17 de julho, terça. De manhã cedo, estou na Speed, a observar um papo sobre traição feminina, enquanto puxo ferro para perder peso. Penso: vou compilar num livro as histórias que vivi como amante, um romance com apelo de público, vendas & grana, que celebrará os feitos femininos ao pular cerca. Vou batizar o protagonista em homenagem ao professor da Speed — que parece não ter o perfil de putão, por figurar ser um cara na dele, meio calado, antítese do nojento que arrota vantagem; um come-quieto, do tipo que as mulheres costumam gostar. De volta ao apê 703-B, no bairro da Pituba, em Salvador, Bahia, onde moro desde que o Tratado da União Europeia foi assinado na cosmopolita Maastricht, sul da Holanda, tomo o café da manhã sem café: bananas, mamão, uma panela de cuscuz de milho sem sal + fatias de mussarela, com uma laranja para rebater. Depois, arrumo umas folhas A4 em branco, escrevo umas linhas, dou um título bizarro, na função de polemizar, e arquivo o *best-seller* do amante fudião na gaveta, pois hoje, 17 de julho, é o momento de registrar “a ideia”. Chega de folhetim. À jornada, se aplique, já disse!

O jogador assina o contrato. Vitalício. Começo a esboçar, ainda no papel e caneta, o esqueleto de um argumento, que pretende revelar a saga de um goleiro negro, fenômeno do futebol, do amador ao estrelato

internacional. Gosto tanto do que tá escrito, que pressinto: “Esse livro pode ser o meu maior sucesso”. Oxe! Socorro, não pense isso não, mizifio... Que esparro! O pior: não saber a data exata de quando tive a bendita da ideia de doido me deixa muito putô, Murphy a sacanear a minha psicótica mania de registrar tudo. Nessa, o *backup-man* se ferra.

C'est la vie, Compagnon. Vou escrever um romance, meu bom. Tô doido! Só tenho um livro publicado, “Abrupta sede”, de contos, uma porcária, nenhuma repercussão, e já quero me achar romancêro. Empreendedor, esse menino... E o mérito do 1º livro são as ilustrações do multiartista Marceleza, que se mudou para a França, e o prefácio escrito pelo cantor e compositor Tiganá, uma saia-justa que o então amigo não pôde contornar, “obrigado por nos apodrecer e não nos condenar, meu caro escritor...” — ao menos melhorei os contos na reescrita de “O limbo dos clichês imperdoáveis”. Sigo no embalo abrupto, tenho sede, e quero transformar a ideia num romance.

Pesquisei no Google alcunhas de goleiros e não encontro nenhum jogador com o apelido de Muralha. Como assim? Comêque não tem um goleiro chamado Muralha? Imagino um locutor histórico, durante os pênaltis da final da Copa do Mundo, a berrar na transmissão: “MU-RAAA-LHAAAAA!!!” Que vacilo! Vou aproveitar: batizo o protagonista e o título do romance:

“Muralha — O goleiro que nunca tomou gol”.

PS: Kuéin! Né fácil assim não... Uma digressão: Murphy não dá mole, patrão. Eu-serelepe, feliz da vida com o nomaço do meu goleiro, chega a época do pré-golpe no Brasil, e eis que surge [leia-se: fico sabendo], na 1ª divisão do futebol profissional, o jogador Alex Muralha, goleiro do Figueirense. Afrodescendente, também. Tenso. Dilma ainda tá na presidência, ele é contratado pelo Flamengo. Xiii... vou me ferrar. Teve golpe, sobe som e @zeramalho canta “ê, ôô, vida de gado, povo marcado ê, povo feliz”, e o goleiro mineiro de Três Corações, assim como Pelé, é convocado para a seleção brasileira.

PQP! Mesmo Alex sendo uma “muralha” que leva gol, como qualquer outro jogador do mundo real, e visualmente diferente do Muralha que criei, que é negro de pele bem preta e feições mais africanas, eu me campo: não posso correr risco de tomar processo, ou ser acusado de oportunista, comprometer o meu personagem, sofrer comparações e demais tipos de infortúnios; rebatizo o goleiro da jornada. A vida sempre enfiando 7 a 1 na ficção.

“La littérature, pour quoi faire?”.

Compagnon me faz uma garapa.



Véspera

18 de julho é especial para mim. É quando comecei a compor, o marco de quanto tempo de música eu tenho. É também a estreia de um evento produzido por mim, e o dia da gravação da poderosa voz de floresta de Seu Mateus no meu *blues* “Cuts”.

O mundo presencia o fim formal do Império Britânico, com a devolução de Hong Kong para a China. É julho, e a sexta 18 se apresenta em Salvador, também. Ao folhear as páginas da revistinha “Sucessos”, com cifras de músicas para tocar ao violão, o título “Juventude à Vácuo” me fisga. Mais ainda: a banda é Não Religião. Foda! Num esquema “do it yourself” [“faça você mesmo”, a filosofia oitentista do DIY *punk*], meto a mão e saio tocando os acordes e cantando a letra do jeito que me dá na telha, pois não conheço a banda, nunca escutei a música e vai demorar para ter *internet* em casa. Deixo o violão na cama, pego o caderno que uso no Colégio PhD e escrevo “Vastidão”, um poema lisérgico, meio *nonsense*, sobre um cirurgião, com poderes espirituais, invocado a resolver problemas no corpo de um paciente — penso em prestar vestibular para Psicologia no ano que vem. Logo bate uma vontade de cantar o troço. Violão em punho, e eu não sei como criar a harmonia. Travo. O

jeito é plagiar: copio os acordes de “Juventude à Vácuo”. Porém, ao invés de espancar as cordas como um *punk* faria, boto para soar um basicão de *pop rock*, ritmado, e canto por cima o poema “Vastidão”.

A menos de três meses dos dezessete, 1997, nasce a minha 1ª composição. Fico alucinado na última nota, adolescente que não se cabe; finalmente descubro uma coisa para preencher o vazio, que cobre de ilusões o buraco da existência. Aleluia! Existe algo em que eu possa acreditar, que dá sentido às cores da vida e evita o suicídio. Nunca mais tocar violão à revelia. Eis a meta: compor as minhas músicas, materializar e exorcizar as minhas angústias. Não é que o cirurgião invocado traz a vastidão de sentidos para me firmar vivo?

“Vastidão” corre léguas, poema reescrito, melodia nova, outros acordes, torna-se o *blues* “Wideness” no repertório da minha banda Orange Poem, até se eternizar na voz de uma diva do *rock*, Nancyta, lançada no EP “Wide”, antes da abertura da Copa do Mundo no Brasil. Joga nas plataformas; dá um gosto danado ouvir essa música que tanto me ressignifica.

E o 7 a 1 que não cessa? Outro 18 de julho, mais uma vez numa sexta, o vexame do Brasil na Copa em casa é recente — não para mim, que torci pela Flamanha —, a literatura toma uma pancada mais dolorida: na madrugada, morre Ubaldo. A Flica perde o seu 1º homenageado, que não teve tempo de ir à nossa festa em Cachoeira — por sugestão minha, Mãe Stella aceita o novo convite; a yalorixá escritora é homenageada na 4ª edição do evento. Ubaldo influencia a jornada oroboro com o seu “O albatroz azul”, de maravilhas como “pois tudo nesse mundo é possível e o que hoje é mentira amanhã pode ser verdade ou o contrário”. Respeita o Prêmio Camões do mestre, cambada. Viva o nosso povo brasileiro! À tarde dessa sexta 18, no estúdio Casa das Máquinas, do multi-instrumentista Tadeu, no bairro do Rio Vermelho em Salvador, produzo a 3ª sessão de gravação do EP “Ancient”. Dá licença que Seu Mateus vai cantar. Aleluia!

O convidado mais especial das regravações da Orange Poem tem a voz aveludada, forte, de floresta e ancestral. “Um presentão!”, sintetizo.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em dezembro de 2022.
